



Transformação e Intuição Poética: Estudos Comparados na Escrita Criativa Chinesa e Portuguesa

Transformation and Poetic Intuition: Compared Studies in Chinese and Portuguese Creative Writing

Ana Cristina Alves¹

anacristinaalves@cccm.gov.pt

Resumo: Neste artigo procura-se indagar como uma cosmogonia oriental chinesa, a do mitológico ovo cósmico, proporciona a fundamentação para as intuições filosófica e poética, bem como para a união de ambas em visões literárias criativas e transformadoras da existência humana, trazidas até nós por antigos e contemporâneos pensadores e poetas chineses e portugueses. Caminhamos com Laozi e Zhuangzi ao encontro de uma das mais belas histórias de transformação amorosa na China. Compreendemos como sonhar é importante, nesta perspetiva filosófica, e confiamos na metamorfose poética, também defendida por grandes poetas portugueses como Luís de Camões, Fernando Pessoa/Alberto Caeiro ou Sophia de Mello Breyner Andresen para concluir com a transformação filosófica oferecida por autores contemporâneos, sejam eles António Caeiro ou Wang Keping.

Palavras-Chave: Ovo cósmico, Transformação Criativa, Intuição Poética

Abstract: This paper seeks to understand how an Eastern. Chinese cosmogony, that of the mythological cosmic egg, provides a foundation for philosophical and poetic intuitions, as well as for the union of both in creative and transformative literary visions of human existence, brought to us by ancient and contemporary Chinese and Portuguese thinkers and poets. We walk with Laozi and Zhuangzi to meet one of the most beautiful love stories of transformation in China. We understand how important dreaming is in this Chinese philosophical view and we rely on poetic metamorphosis, also advocated by great Portuguese poets, such as Luís de Camões, Fernando Pessoa/ Alberto Caeiro or Sophia de Mello Breyner Andresen to conclude with philosophical transformation brought by contemporary authors, be they António Caeiro or Wang Keping.

Keywords: Cosmic Egg, Creative Transformation and Poetic Intuition

1 Doutora em Filosofia da História, da Cultura e da Religião (Universidade de Lisboa) Centro Científico e Cultural de Macau em Lisboa

O Ovo Cósmico Chinês

Pouco depois de Deus ter criado o mundo ocidental, expulsou o primeiro casal do Paraíso, ou melhor, do Jardim do Éden, abrindo o maior dos fossos entre o mundo transcendente, a ordem divina a que pertencia, e o mundo imanente do comum dos mortais. Moral religiosa da história divina: as asneiras pagam-se e os humanos foram castigados. Entretanto, as oportunidades sucederam-se e ainda no presente nos deleitamos com as mais belas histórias religiosas da Arca de Noé até ao Presépio Cristão, mas os mundos ficaram para sempre separados, sendo apenas religados simbolicamente e por frequentes intervenções divinas na história da humanidade: os maravilhosos milagres que todos gostamos de recordar. Nós, ocidentais, havemos de chegar ao Paraíso, no término do nosso tempo singular e coletivo, entretanto damos graças pela criação e por cada dia que passa neste mundo humano descendente do pecado e da desobediência dos nossos primeiros pais, Adão e Eva. Já na China, a história da criação é um pouco diferente, pelo menos numa das leituras mitológicas², a do ovo cósmico e do gigante Pangu: “Pangu Separa o Céu da Terra”/盘古开天辟地 (Pángǔ kāi tiān pì dì).

O início é descrito como o caos: “Era o caos total, semelhante a um grande ovo, dentro do qual se foi gerando, mergulhado em sono profundo, Pangu (盘古)” (Wang, Alves, 2009, p. 15). Quando o gigante acordou separou o Céu da Terra e depois dessa separação caiu exausto e o seu corpo morto transformou-se em tudo o que existe no nosso mundo, a respiração em vento e nuvens, a voz em trovões, os olhos no sol e na lua, os cabelos e as barbas nas estrelas, os membros nos 4 cantos da terra, o tronco nas montanhas, o sangue nos rios e mares, e assim por diante. Nada do que existe, tal como o visionamos, se encontra fora do corpo do primeiro gigante gerado dentro desse fabuloso ovo cósmico. Aquilo a que temos acesso, do ponto de vista físico e mental, depende da realidade imanente em que estamos mergulhados. Esta perspetivação ontológica, que tem como ponto de partida uma unidade originária, desenvolve-se por transformação, originando todos os seres do cosmos, amplifica as nossas potencialidades filosóficas e poético-criativas, remontando à origem da palavra *poiesis*³, ao tamanho do ovo cósmico que nos gerou.

Transformação Filosófica nos Tempos Antigos: Do Clássico das Mutações (《易经》Yìjīng) ao Clássico da Via e da Virtude (《道德经》Dào Dé Jīng)

A transformação é essencial à vida, sendo esta a lição fundamental a extrair do *Clássico das Mutações* (《易经》Yìjīng), o primeiro tratado filosófico chinês com assinatura de um imperador mítico, Fuxi (伏羲 Fúxī), ou caso se considere confusa a nomenclatura, a figura totémica, meio humana meio dragão, que o terá concebido

2 Há também uma mitologia criacionista, reservada à Deusa Nüwa, especificamente no mito “Nüwa Cria os Seres Humanos (女娲造人 Nǚwā zào rén)”. Cf. Wang Suoying e Ana Cristina Alves. 2009. *Mitos e Lendas da Terra do Dragão*, p. 16. Lisboa: Caminho.

3 Palavra de origem grega que significa a ação de trazer algo à existência que não existia anteriormente, talvez um sinónimo adequado seja “criar”.

na sua forma trigramática elementar, por observação natural de um Cavalo-Dragão (龙马 Lóng-Mǎ), saído do Rio Amarelo (黄河 Huánghé) para o inspirar na criação de oito trigramas, as principais forças naturais, constituídos a partir da hábil conjugação dos dois primeiros trigramas, o Céu, manifestação do princípio masculino Yang (Yáng), e a Terra, o feminino Yin (阴 Yīn) . Os Oito Trigramas são: o Céu, a Terra, o Trovão/Raio e o Vento, O Fogo e a Água, a Montanha e o Lago, que, por metamorfose, dão origem à realidade circundante, oferecendo 64 hexagramas, ou transformações, orientadoras do nosso percurso existencial.

Assim, e numa leitura guiada pela intuição poética, baseada nas nossas mentes simbólicas humanas, seremos criativos como o Céu ou recetivos como a Terra, os nossos progenitores naturais. Continuando o caminho da transformação cresceremos com dificuldades no início, como belos brotos, mas se formos bem-sucedidos, sentiremos em nós a loucura juvenil, e muito mais. Teremos movimentos de avanço e de recuo: esperando ou entrando em conflito, prepararemos as nossas forças, como se de um exército se tratasse, saberemos escutar a natureza para entender quais as mutações a realizar, quando deveremos permanecer unidos, ficar em paz, afastar-nos de certas forças consideradas nocivas, recluir pela estagnação, fazer amizades, possuir em grande medida; sermos entusiastas, seguir, melhorar, aproximar-nos, contemplar, perceber quais as alterações que nos podem ser favoráveis ou desfavoráveis, tanto do ponto de vista individual como coletivo.

Os 64 hexagramas apontam para a necessidade de se estar atento aos vários ritmos naturais, às forças positivas e negativas em jogo tanto na esfera natural como na humana e na espiritual. Tudo o que sucede acontece para beneficiar ou impedir a transformação, a favor da vida ou contra ela, pelo que se deve ter particular atenção às dificuldades, oposições e obstruções, de modo a aumentar ou a diminuir o nosso próprio movimento e capacidade de resposta. Há, ainda, que saber qual o tempo certo para agir, reformar, revolucionar, mas também recolher, dispersar e limitar, ou contrariamente, para gozar a alegria e a abundância que a existência nos proporciona.

A completude pode ser perigosa se implicar ausência de movimento, pelo que significativamente o hexagrama 63 se intitula “Depois da Completude”, sendo constituído pelo trígama da Água em posição superior e o do Fogo, seu complementar, em posição de base ou inferior, e o último dos hexagramas, o 64, se denomina “Antes da Completude”, invertendo as posições do Fogo e da Água, ambos deixando o cenário em aberto, e a possibilidade das mutações continuarem, já que enfatizam o movimento de transição da desordem para a ordem ou vice-versa. Quando se segue o fluir na vida, na literatura e em aliança com a filosofia, as oportunidades surgem a cada nova intuição, desde que se mantenha o espírito em conjugação com as principais forças criativas Yang e recetivas Yin, podendo a transformação prolongar-se indefinidamente.

O alegado fundador do Taoísmo, Laozi (老子 Lǎozǐ) escreveu em tempos antigos o *Clássico da Via e da Virtude* (《道德经》), já depois de Confúcio e os seus discípulos terem comentado o *Clássico das Mutações* (《易经》) nas Dez Alas (十翼 Shí Yì)⁴ A verdade é que o filósofo nos traz uma das primeiras apresentações filosóficas da transformação, senão a primeira, que nos surge a propósito da Via (道 Dào) no Capítulo 25 do *Clássico da Via e da Virtude*, aqui deixado na tradução de António Graça de Abreu (2023, p. 77):

Misteriosamente formado,
nascido antes do Céu e da Terra,
Permanece solitário,
Imutável no silêncio do vazio,
Sempre presente, sempre em movimento,
Talvez a mãe das dez mil coisas,
não sei o seu nome,
vou chamar-lhe **tao**⁵.

O filósofo continua a desenvolver a sua ideia do *Tao*, afirmando que ele, sempre em movimento, viaja para muito longe, regressando ao ponto de partida. Na sua digressão transformativa dá origem ao Céu, à Terra, ao Homem, não tendo outra lei a regê-lo senão a da espontaneidade da sua própria natureza. A transformação é conseqüente e ordenada, porque há uma raiz unificadora que permite o desenvolvimento e a metamorfose, sem dispersão da substância essencial, que essa é imutável, viabilizando ainda os *dez mil seres* (万物 wànwù) que nos rodeiam, ou melhor, tudo o que existe na feliz expressão chinesa e a intercomunicação entre todos eles, desde que se coloquem na posição certa e mantenham a atitude correta. A esta primeira intuição filosófica, relativa às mutações do **Tao**, juntar-se-á uma

4 Cf Ana Cristina Alves. 2007. "A Mulher no Clássico das Mutações". *A Mulher na China*, pp. 31-35. Possivelmente foi o Rei Wen (文王 Wén Wáng), o progenitor da dinastia Zhōu (周), que viveu na Média Antiguidade, no século XI a. C, quem terá organizado os 8 trigramas em 64 hexagramas, sendo o texto pertencente às linhas individuais atribuído ao seu filho, o Duque de Zhōu. Este tê-lo-á escrito enquanto esteve prisioneiro do tirano Zhouxin (纣辛 Zhòuxīn) da dinastia Shāng (商). Já na Baixa Antiguidade, no tempo de Confúcio (孔子), que viveu entre o século VI e o século V, crê-se que o Comentário sobre a Decisão (彖传 Tuàn Zhuàn) pode ser da autoria de Confúcio e o comentário sobre as imagens da autoria dos discípulos de Confúcio. O livro era utilizado para efeitos divinatórios, quando não havia separação entre os reinos espiritual e material e o mundo político era governado pelas forças celestiais. De resto é de notar que até à fundação da república em 1912, o imperador recebe o tratamento de Filho do Céu (Tiānzǐ 天子). No entanto, o *Clássico das Mutações* não é apenas usado para fins oraculares na tradição chinesa. Cedo se chama a atenção para a sua importância como livro da sabedoria.

5 Cf. A Tradução para chinês do excerto do cap.25 de Laozi. *Tao Te Ching. O Livro da Via e da Virtude*, p.76: 《有物混成/先天地生/寂兮寥兮/独立不改/周行二不殆/可以为天下母/吾不知其名/强字之曰道/》

intuição literária fornecida pelo segundo maior filósofo da escola Taoista, Zhuangzi (庄子 Zhuāngzǐ)⁶, como se verá de seguida.

A Intuição Poética na China: Transformação e Amor

No segundo capítulo “da Uniformidade de Todas as Coisas” da obra *Zhuangzi* (《庄子》 Zhuāngzǐ), seguiu-se o costume à época de dar o nome dos autores às obras por eles criadas, ou em que participavam, já que hoje se acredita que apenas os sete primeiros capítulos, deste trabalho com 33, são da autoria do sábio taoista, sendo os outros fruto do labor de vários dos seus discípulos diretos ou indiretos. Neste segundo capítulo, dizia, defende-se uma uniformidade essencial de todos os seres que compõem o nosso cosmos, o que favorece a metamorfose, mais do que física, poética dos seres. Esta identificação implica a possibilidade de um regresso à raiz originária, por intermédio do sopro vital (气 Qi) que, por sua vez, contribui para a libertação mental e a transformação essencial, vivenciada através dos sonhos. Afirma Zhuangzi (1999, p. 15): “O Universo expelle um sopro vital chamado vento.”⁷

Um pouco adiante o filósofo defende que a transformação e intercomunicabilidade dos seres conduz à uniformidade e, para tal, basta que se siga o curso normal e espontâneo da natureza, cultivando sempre, no caso dos seres humanos, uma mente tranquila, recetiva e não reativa para que possam gozar de uma vida pacífica e harmoniosa. O homem perfeito, o sábio (圣人 shèngrén), é divino, ele compreende que as distinções são graduais não essenciais, pelo que consegue colocar-se em posição de se reunir ao Tao: “Esquece o tempo, esquece as distinções entre verdadeiro e o falso e serás capaz de viajar até à dimensão do infinito. Daí que o sábio viva na dimensão do infinito.”⁸ É neste contexto que surgem as cinco fábulas do segundo capítulo, sendo a última “Zhuang Zhou (庄周) sonha ser borboleta”, a mais conhecida no mundo filosófico e literário, aqui analisada, por possuir um valor cultural fortemente simbólico e, ainda, por bem exemplificar os vários níveis de transformação e a sua relação com a uniformidade de todas as coisas.

Eu, Zhuang Zhou, certa vez sonhei que era uma borboleta, esvoaçando alegremente aqui e ali. Fiquei tão feliz que até me esqueci ser Zhuang Zhou. Quando de repente acordei, surpreendi-me por ver que era de facto Zhuang Zhou. Será que Zhuang Zhou sonhou que era uma borboleta ou a borboleta sonhou ser Zhuang Zhou? Entre Zhuang Zhou e a borboleta devem haver algumas distinções, sendo isto o que se chama a transformação das coisas. (Zhuangzi, 1999, p. 39-41).⁹

6 Zhuangzi (庄子 Zhuāngzǐ) viveu no Período dos Reinos Combatentes (战国 Zhān Guó) entre 396 e 286 a.C. Para um conhecimento mais aprofundado do autor, sugere-se a consulta de *A Sabedoria Chinesa*. Lisboa: Casa das Letras/Editorial Notícias, 2005, pp. 35-38. Cf

7 Cf. Aqui se apresenta a tradução chinesa *Zhuangzi*, 1999, p. 14: 《大地发出来的气，叫作风。》

8 Cf. Zhuangzi, 1999, p. 38: 《忘却岁月吧，忘却是非吧，畅游于无穷的境地，这样，也就能把精神奇遇无穷的境地。》

9 Cf. Zhuangzi, 1999, pp. 38 - 40 (versão original em chinês clássico) 《昔者庄周梦为蝴蝶栩栩然蝴蝶也，自喻适志与！不知周也。俄然觉，则蘧蘧然周也。不知周之梦为蝴蝶

Compreende-se por esta fábula poética que um outro nome para a transformação pode ser a distinção entre as coisas, esta não é radical nem absoluta, mas apenas gradativa, já que todos os seres dependem de uma mesma origem, podendo por isso intercomunicar e assumir outros modos existenciais, que facilmente se deixam apreender nos sonhos. O que não percebemos acordados, entendemos a dormir com recurso à intuição filosófica e poética que nos oferece a realidade simbolicamente, à qual nos reunimos, quando nos libertamos mentalmente e à nossa imaginação. O mundo não é um sonho, mas pode transformar-se num, e muito bom, consoante a mente daquele que atinge a dimensão onírica.

A borboleta tem um forte simbolismo cultural na China, o que não passou despercebido nem a filósofos nem a poetas. Ela simboliza, do ponto de vista físico, a passagem de um estado inferior larvar a um estado superior de pura beleza, figura, ainda, duplamente a liberdade, primeiro ao conseguir libertar-se da sua condição rastejante, depois, por voar animada e graciosamente em pleno céu. Ela é pura beleza nas suas cores e movimentos e, por fim, além da liberdade e da beleza, representa o amor, como recordamos na famosa história amorosa, com bases verídicas, dos “Amantes-Borboleta”, ou como é conhecida em chinês “Liang Shanbo e Zhu Yingtai (梁山伯与祝英台)”.¹⁰

O que interessa reter nesta bela narrativa são os amores contrariados pelas convenções sociais da época, na qual um rapaz pobre, Liang Shanbo (梁山伯), não podia aspirar à mão de uma donzela abastada, Zhu Yingtai (祝英台) e muito arrojada, que troca o conforto da casa pela aventura do saber, disfarçada de rapaz. Ora, como é que ambos conseguiram escapar às limitações humanas e à infelicidade amorosa imposta pelas regras sociais? Transformando-se em duas borboletas, já que no dia destinado ao casamento de Zhu Yingtai, a liteira da noiva de um futuro marido bem-nascido, passou pelo túmulo do amante morto de desgosto, e as forças espontaneamente naturais, que só podiam ser do Tao, se conjugaram para que a campa se abrisse e a terra recebesse oportunamente o corpo da donzela infeliz, voltando em seguida a fechar-se num abraço eterno entre os corpos dos dois amantes, cujos espíritos se escapariam na forma de duas borboletas, uma Yang, clara e masculina, outra Yin, escura e feminina. Ambos já libertos do confinamento humano, voaram unidos eternizando por mutação o amor deles, talvez hoje ainda continuem integrados no ciclo das infinitas voltas transformantes, em louvor do amor, que, entretanto, a intuição poética chinesa também eternizou na memória do povo através de várias expressões artísticas, nomeadamente literárias, pictóricas e musicais.

A Intuição Poética em Portugal: Luís Vaz de Camões, Fernando Pessoa/Alberto Caeiro e Sophia de Mello Breyner Andresen

Em Portugal muito se tem cantado a mudança e a transformação por entre os poetas. Recorde-se como é certa a intuição daquele que empresta o seu nome ao

与，蝴蝶之梦为周？周与蝴蝶，则必有分矣。此之谓物化。》

10 Cf Wang Suoying, Ana Cristina Alves. 2009. *Mitos e Lendas da Terra do Dragão*, pp. 129-131.

Dia de Portugal¹¹, e penso naturalmente em Luís Vaz de Camões (1524/5?-1580), um espírito renascentista, que muito viajou pela metade portuguesa do mundo de então, encontrando-se indissolúvelmente ligado, do ponto de vista poético, a Macau, onde possui uma gruta, em que terá talvez redigido grande parte do seu grande poema épico, *Lusíadas*, traduzido correntemente para Chinês com o título de *Alma Portuguesa* (《葡国魂》 Púguó Hún) e pelo seu tradutor Zhang Weimin (張維民), numa versão literária, por *Poema Épico Lusíadas* 《盧濟塔尼亞人之歌》 (Lújitàníyǎ Rén zhī Gē). A verdade é que Camões intuiu poeticamente a essência da mudança no soneto também traduzido para chinês por Zhang Weimin “Mudão-se os tempos, mudão-se as vontades”(時代在改變，志向在改變)¹² do qual se retém a primeira quadra, que dança de cor em muitas mentes portuguesas (Zhang, 2014, p. 66):

Mudão-se os tempos, mudão-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança:
Todo o mundo he composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

O poema desenvolve-se num hino à mudança, entoada com nuances ocidentais, nas quais as novidades se afastam da esperança e a passagem do tempo não traz o melhor dos mundos, mas, pelo contrário, aproxima da temida morte. Não obstante, a constatação de que “todo o mundo é composto de mudança” torna-se um ponto de partida incontornável no relacionamento com a realidade para se carpir ou aproveitar as oportunidades de cada novo dia. Além do reconhecimento da mutação, encontramos ainda no poeta nacional uma compreensão certa da essência da transformação, à maneira de Zhuangzi e do enaltecimento da intercomunicabilidade dos seres, que pressupõe a sua uniformidade básica, em “Transforma-se o amador na coisa amada” (《愛著變成所愛之物》), poema igualmente traduzido por Zhang Weimin para chinês em *100 Sonetos de Camões*. Aqui fica a primeira quadra deste soneto (Zhang, 2014, p.26)¹³:

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar:
Não tenho logo mais que desejar
Pois em mim tenho a parte desejada.

Esta mesma intercomunicabilidade e identificação dos seres pelo movimento da busca virá a ser explorada por Fernando Pessoa (1888-1935) ortónimo em “Eros

11 Dia de Portugal de Camões e das Comunidades Portuguesas, comemorado a 10 de junho data do falecimento daquele que se transformou no poeta nacional.

12 Versão chinesa do poema pelo tradutor (Zhang, 2014, p 67: 《時代在改變，志向在改變，/事物在改變，信念在改變：/整個世界由變化所組成，/永遠在獲得新的理念。/》

13 Eis a tradução da estrofe para chinês (Zhang, 2014, p. 27: 《愛著變成所愛之物，/或許是想像得過度：/我立刻無更多慾望/因我心已有我所欲/》

e Psique”¹⁴O essencial é entender que pelo movimento da mente, provocado pelo desejo amoroso de conhecer, que se poderá denominar *eros* (mas também gozo sensitivo ou estético, como veremos em Fernando Pessoa/ Alberto Caeiro), se cria uma ideia na mente que a transforma criativamente, ou caso se prefira, rumo à união amorosa. A sensação e o sentimento, bem como o movimento mental, despoletado pela imaginação, são essenciais ao processo de metamorfose, não ao jeito do pesadelo kafkiano¹⁵, ainda que também o possa ser, particularmente no Ocidente onde a metamorfose tem tendência a ser perspectivada de um modo mais negativo, mas sobretudo à maneira chinesa do belo sonho de Zhuangzi.

Há então um movimento, proporcionado por uma sensação ou sentimento, produtor de uma ideia, que poderá ser desenvolvido de acordo com a intuição poética de um modo mais ou menos amoroso. A intuição poética precisa da realidade e da natureza, por exemplo, no caso do heterónimo Alberto Caeiro, para se desenvolver cabalmente. Ela é desencadeada e transformada no contacto e contemplação dos belos seres naturais. Diz-nos o poeta por volta de 1911-1912 (Zhang, 1988, p. 193):

Sou um guardador de rebanhos.
 O rebanho é os meus pensamentos
 E os meus pensamentos são todos sensações
 Penso com os olhos e com os ouvidos
 E com as mãos e os pés
 E com o nariz e a boca.
 Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
 E comer um fruto é saber-lhe o sentido.¹⁶

Se com o heterónimo Alberto Caeiro se estabelece uma relação direta e indissociável entre a sensação e o pensamento, um “sensitismo” que viabiliza uma verdadeira identificação e/ou assimilação, bem como a intercomunicabilidade entre o poeta e a natureza, com Sophia de Mello Breyner Andresen (1919- 2004), a intuição poética torna-se o espaço de comunhão sentimental, ou melhor, passional e amorosa, que manifesta a verdadeira essência das coisas, ocultada por uma existência desligada dos sentimentos e do olhar poético: só estes nos transportam, via nomeação criativa, à verdadeira realidade que reside no reino poético. Confessa-

14 Poema sobre o Grau de Mestre do Átrio na Ordem Templária de Portugal, primeiramente publicado na revista *Presença*, n.ºs. 41-2, Coimbra, em 1934. Cf. Fernando Pessoa “Eros e Psique” Arquivo Pessoa. acedido a 29 de agosto de 2021. URL: <http://arquivopessoa.net/textos/4265>.

15 Ver de Franz Kafka.1979. *A Metamorfose*. Mem Martins. Livros de Bolso Europa-América.

16 Tradução para chinês por Zhang (1988, p.192): 《我是一個牧人，/思想是我的羊群。/羊群是一種種感觸，/我用直覺，用手足，視聽神經，/和鼻口去放牧。/想一朵花是看見花艷/嗅到花香，/見一個果是用舌頭品嚐。》

se a poetisa no poema “Regressarei” (重归), aqui apresentado em versão bilingue, traduzido por Yao Feng (姚风) (Yao, 2014, p. 156)¹⁷:

Eu regressarei ao poema como à pátria à casa
 Como à antiga infância que perdi por descuido
 Para buscar obstinada a substância de tudo
 E gritar de paixão sobre mil luzes acesas

Na sequência do que tem vindo a ser afirmado, a intuição poética acompanha as mudanças e transforma aquele que as experiencia, possuindo uma realidade espiritual inegável, onde Sophia de Mello Breyner Andresen mora, tendo aí radicada a sua pátria, e a sua casa, ela e todos os outros poetas, que nos conduzem até à verdadeira existência a que se interligam e com a qual comunicam, a fim de metamorfosear a ausência de sentido e a realidade aparente, que nos confunde e submerge, num mundo iluminado por “mil luzes acesas”, na intuição dos que as conseguem ver, porque através do poema reencontraram o olhar genuíno e espontâneo da infância, sendo esta o fundamento da verdadeira sabedoria de acordo com a filosofia taoista.

Leituras da Transformação Filosófica nos Tempos Contemporâneos: António Caeiro e Wang Keping (王柯平 Wáng Kēpíng)

O Jornalista António Caeiro viveu quase 20 anos na China. Deste intelectual ilustre, condecorado em 2012 com a comenda da Ordem do Infante D. Henrique, por mérito da aproximação de Portugal à China através do jornalismo, destacam-se as seguintes obras *Pela China Dentro: Uma Viagem de Doze Anos* (2004) e *Novas Coisas da China – Mudo, Logo existo* (2015), particularmente esta última cujo título é muitíssimo relevante não apenas para o presente trabalho como para manifestar a essência da filosofia e antropologia chinesas. De facto, os chineses, que elegeram o *Clássico das Mutações* como sua obra inaugural, do ponto de vista filosófico, fazem justiça ao espírito que anima o seu clássico mais antigo, estando em permanente metamorfose, individual e coletiva, ainda que neste país a transformação se note mais na obra coletiva, por exemplo, nas paisagens das grandes cidades, nos empreendimentos profissionais, na educação, na ciência, incluindo a espacial, e na cultura, bem como no domínio militar. As mudanças individuais, as autotransformações, são menos visíveis, cedendo o palco à comunidade. Diz-nos António Caeiro no artigo “Mudança”, socorrendo-se das palavras de escritores famosos:

A “mudança” estava em todos os discursos. A mudança e a velocidade a que tudo, ou quase tudo, muda. Vários escritores falam disso. Li Er: «Um ano, aqui, equivale a décadas noutros sítios. A mudança é demasiado rápida: mental e fisicamente, não conseguimos acompanhar

17 Tradução para chinês pelo poeta e tradutor (Yao, 2014, p. 157): 《如同回到祖国回到家乡/回到我粗心丢失的童年/我将重归诗歌/只为执着地探寻万物的真谛/在万盏灯火下写下爱的诗篇/》。

o ritmo.» Yu Hua: «As mudanças na China são como centenas de anos na história europeia comprimidos» (Caeiro, 2015, p. 51-52).

E António Caeiro continua a explorar o tema da transformação, sugerindo que na China se atente não apenas ao desenvolvimento e alteração da pátria, mas à “ascensão dos chineses” como pessoas (Caeiro, 2015, p. 53), ainda que sem comprometer a filosofia nacionalista e o papel que o Partido Comunista chinês tem tido no progresso do país, hoje metamorfoseado num espaço altamente cosmopolita, sendo desde 2012, por exemplo, o aeroporto de Beijing o segundo mais movimentado do mundo, o que revela admiravelmente o lugar que a China tem vindo a ocupar enquanto segunda potência mundial, logo a seguir aos Estados Unidos.

A transformação é a matriz do espírito chinês, senão vejamos o que é o Dragão, este animal mitológico, totem donde todos os chineses descendem e símbolo da sua cultura. Como é ele retratado? Como a força Yang (阳) por excelência. Quanto à filosofia, ele é a figura representativa do primeiro hexagrama do *Clássico das Mutações*, o Criativo. Representa o poder patriarcal, o sábio, que cavalga da Terra para o Céu, com uma energia luminosa impressionante. Mas a força masculina, a corrente eletrizante em tantas pinturas, o ser miscigenado e congregador de tudo de bom que os animais possuem, tem uma perfeita descrição filosófica, quando à transformação se alia a intuição poética.

Quem melhor para nos relatar esta aliança, que se assume como o fundamento da filosofia chinesa, do que um filósofo descendente do povo dos dragões, Wang Keping (王柯平 Wáng Kēpíng), (1955-), professor da Universidade de Estudos Internacionais de Beijing (BISU) e diretor do Instituto de Filosofia da Academia Chinesa de Ciências Sociais (CASS), possuindo ainda outros cargos de relevo. Entre as suas obras, destaca-se *Ethos of Chinese Culture* (2007) pela tematização da noção de transformação em conjugação com a intuição poética, nomeadamente no capítulo intitulado “The Butterfly and Self-Emancipation”, no qual remonta à tradição taoista e, especificamente ao sonho de Zhuangzi, que analisa da perspetiva do princípio de uniformidade em termos de unidade de opostos e diferenças, através da “transformação das coisas” interpretada pelo filósofo como esbatimento de limites e fusão entre o “eu” e o “outro” (Wang, 2007, p. 181), só possível com a passagem de um eu confinado para um sem fronteiras, viabilizada pela libertação espiritual, que conduz ao reino onde acabam todas as distinções e começa a liberdade. No que que respeita à experiência de autotransformação de Zhuangzi, Wang Keping encontra-lhe uma vertente estética e outra espiritual (Wang, 2007, p. 182). Do ponto de vista estético, há uma identificação com a borboleta, que simboliza como anteriormente se viu, a beleza e o amor na cultura chinesa, permitindo a alteração de o eu antigo para o novo eu. Além disso, representa a própria liberdade, vivenciada através do sonho esvoaçante. Portanto, a experiência estética favorece o sentimento de união pela intuição poética que o relata, através, por exemplo, da descrição onírica na obra poético-filosófica.

Para concluir, afirma o autor na referida obra no capítulo intitulado “A Busca Transcultural do Sobrehumano Transformado”, o que melhor caracteriza a sabedoria chinesa, perante tanto aos gregos, que empregam o *nous* (razão e intelecto), a fim de iluminar a *aletheia* (a verdade e realidade), ou face aos europeus, que colocam a sua racionalidade ao serviço da útil união entre a ciência e a tecnologia, é o facto de:

os chineses utilizarem a intuição subtil para perceberem o segredo da transformação (...) a semente da sabedoria chinesa advém de amar auxiliar todas as coisas a crescerem e a esforçarem-se por uma iluminação intuitiva. Pelo contrário, a sabedoria grega evoluiu para uma cultura adoradora da razão com o foco na justificação da *aletheia* através do *nous*, a sabedoria europeia numa cultura de veneração da capacidade com foco no sentimento condutor à imaginação grotesca e a sabedoria chinesa numa cultura dirigida para a subtileza com foco no regresso à harmonia primordial via intuição poética. (Wang, 2007, p. 97-98).

Seguir o verdadeiro Tao, termina o autor, será ajudar todas as coisas a transformarem-se e a crescerem rumo à uniformidade e à ligação harmoniosa entre o Céu, a Terra e a Humanidade, por meio de três tipos de experiência estética, vivenciados em conjugação com natureza, sendo eles: a apreciação, a contemplação e a intercomunicação entre os seres (Wang, 2007, p.188), rumo à autotransformação e ao aperfeiçoamento ético e moral, já que existe uma identificação profunda entre a estética, a ética, a moralidade e todos os outros domínios da cultura chinesa, como também bem teorizou Kuang-Ming Wu no artigo *Chinese Aesthetics*.¹⁸

Assente fica que os diversos níveis de experiência estética conduzem à transformação e, em termos individuais, à autotransformação, que permite o desenvolvimento e apresentação da intuição poética em todo o tipo de narrativas artísticas e filosóficas, onde é descrita a experiência iluminante da união entre o ser humano e o Céu, pacificando e harmonizando quem a sente, através do desabrochar de uma mente tranquila, bem consigo e com todos os outros, que são abarcados sensitiva e afetivamente pelo eu, diluindo-se todas as barreiras e confinamentos num espaço verdadeiramente poético, recorde-se, criativo, onde corre liberta a intuição em busca de afinidades em todo o cosmos físico e mental. A transformação e a intuição poética encontram-se indissolúvelmente ligadas na filosofia chinesa, a bem da comunidade simbólica e espiritual de todos aqueles que aderirem à transformação e acreditarem na unidade originária de todos os seres.

18 Cf. Kuang-Ming Wu. 1991. “Chinese Aestheti-194.cs,” In *Understanding the Chinese Mind*. ed. Robert E. Allinson, 236-264. Hong Kong, Oxford, New York: Oxford University Press.

Referências bibliográficas

- ABREU GRAÇA DE, António (Trad e Org). 2013. *Laozi. Tao Te Ching. O Livro da Via e da Virtude*. Lisboa: Vega.
- ALVES, Ana Cristina. 2007. *A Mulher na China*. Lisboa: Tágide.
- _____. 2005. *A Sabedoria Chinesa*. Casa das Letras.
- CAEIRO, António. 2015. *Novas Coisas da China-Mudo, Logo Existo*. Lisboa: D. Quixote.
- KAFKA, F. 1979. *A Metamorfose*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- KUANG-MING WU. 1991. "Chinese Aesthetics". In *Understanding the Chinese Mind*. Ed. Robert E. Allinson. 236-264. Hong Kong, Oxford, New York: Oxford University Press.
- PESSOA, Fernando. 1934. "Eros e Psique" Revista Presença, nos. 41 e 42. *Arquivo Pessoa*. acessado a 29 de agosto de 2021. URL: <http://arquivopessoa.net/textos/4265>.
- WANG KEPING. 2007. *The Ethos of Chinese Culture*. Beijing: Foreign Languages Press.
- WANG SUOYING, ALVES, Ana Cristina. 2009. *Mitos e Lendas da Terra do Dragão*. Lisboa: Caminho.
- WILHELM, Richard. 1989. *I Ching or Book of Changes*, versão inglesa de Cary F. Baynes, Prefácio de C.G Jung, 4ª ed. London: Arkana Penguin Books.
- YAO FENG. (Trad. e Org) 2014. *Viver em Pleno Vento*. Macau: Camões – Instituto da Cooperação e da Língua e Instituto Português do Oriente.
- ZHANG WEIMIN (Trad. e Org.) 2014. *100 Sonetos de Camões*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau.
- Zhuangzi*. 1999. Vol. I e II Trad para Inglês de Wang Rongpei e para Chinês moderno de Qin Xuqing e Sun Yongchang. Hunan, Beijing: Hunan People's Publishing House, Foreign Language Press .

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.